

rias (2 300) da Europa, quando a necessidade humana média de calorías é de 2 600 (1); os terratenentes, os banqueiros, os capitães da Indústria e do Alto Comércio, os maiores e príncipes da Igreja, os gafanhotos agaloados da Tropa e dos Grémios e da Legião, gordos, anafados, luzidios, pançudos, continuam giboando e, para desgastar, passeiam, de cu tremido e pimponaços, nos carros de luxo, pelas auto-estradas, pelas avenidas de Lisboa e pela estranja, o seu desavergonhado e estúpido egoísmo, as enxundias do coirão paquidérmico e a alma rapace de usurários, certos de que a hora da justiça ainda vem longe.

A bem dizer, encerrou-se a 13 de Fevereiro de 1919 a carreira militar daquele cavaleiro que, nos moldes quixotescos do seu tempo, serviu a Pátria e a República e (o general Pereira de Eça afirmou) se houve na guerra «com inteligência, muita dedicação, zelo e valentia» (2).

Era a altura (tinha 30 anos) de constituir família, mas só então constatou que o magro soldo de capitão e o património herdado não davam para viver com certo desafogo. E foi procurar melhor fortuna fora do Erário. Começou por um emprego no depósito de carvão das Minas de São Pedro da Cova a dura iniciação industrial do nosso homem à paisana. Um ano depois era director da Companhia. Dali passou à organização comercial da Fábrica de Cimentos de Leiria, convidado por Henrique Sommer, e lá teria feito fortuna se não fora o diabo da Ditadura vir assaltá-lo àquele amplo caminho, trabalhoso, mas compensador.

O tal *herói* de guerras e revoluções, de Espadas de Honra e Torres e Espadas, Valor Militar, e comando de *boers* e outras loas, marchou direitinho, sem boltas altas e sem esporas, sem galões e sem pangaréu, a pé e de casaco ao ombro, por esse mundo do Comércio e da Indústria, como qualquer outro

(1) Em compensação a «Fermosa Estrebaria possui o mais alto índice de analfabetos.

(2) In Relatório do General Pereira de Eça, pág. 67. Imprensa Nacional, Lisboa, 1921.



pacatíssimo burguês e pai de filhos.

Mas para não renegar de todo um passado inquieto, doutrinário, interessado na cousa pública, aceitou a honra do seu nome emparceirar com o dos outros directores da «Seara Nova». Ao grupo inicial, fundador da «Revista de doutrina e crítica» — Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Faria de Vasconcelos, Ferreira de Macedo, Francisco António Correia, Jaime Cortesão, Câmara Reys, Azeredo Perdigão, Raúl Brandão, Raúl Proença, — juntavam-se nessa ocasião António Sérgio, Azevedo Gomes, Quirino de Jesus, Ezequiel de Campos, Ramada Curto, Pulido Valente, José Bacelar, Sarmento de Beires, David Ferreira, Rodrigues Lapa, Agostinho da Silva, José Tagarro, Manuel Mendes, Irene Lisboa, Veiga Pires, Emílio Costa, Rodrigues Miguéis, Sant'Ana Dionísio, Sant'Iago Prezado, Visconde de Lagoa, Joaquim de Carvalho, João Pedro de Andrade, Vitorino Nemésio e muitos outros, aos quais havia de se seguir uma nova camada de moços cultos, inteligentes, desempoeirados e de alto lá com eles, que deram água pela barba a tudo quanto à surrelfia queria meter bedelho na confraria das belas-artes e letras de forma modernista.

A velharia gagá, de cu grudado nos cadeirões da Academia e encalhada nas prateleiras das editoras ou de braço dado com os putinhos da Imprensa e do S.N.I., que Ferro é o «gigolot» de Madame X (também conhecido entre as outras madames da fidalguia chinfrim pelo Dantas pum!) iam trazendo à arreata para a manjedoura do Estado Novo, viu uma fona e borrou-se de medo.

A colaboração de Fernando Lopes Graça, Neto Soares, Casais Monteiro, Adão e Silva, Jorge de Sena, Miguel Torga, e outros, trouxe à velha «Seara» alma nova. E não foram os desmandos administrativos de Câmara Reys⁽¹⁾, teria essa

(¹) Pela atribiliária e anárquica administração da «Seara», e outras mescambilhas que pouco abonavam os créditos de Câmara Reys, e podiam até comprometer moral e financeiramente os seus companheiros da Direcção, Azevedo Gomes e António Sérgio abandonaram a Revista, não me lembrando o ano de quarenta e tantos em que tal crise veio a lume. Já em princípio de 1939,

plêiade de escritores, poetas, artistas, críticos, políticos avançados, levado a Revista a uma posição de comando na inteligência e acção democrática portuguesa, capaz de enfrentar a estupidez bronca da censura caserneira e o fanatismo sórdido da Santa Madre que pariu tantos filhos espirituais do Cerejeira nestes seis lustros de sinistra caminhada pelos claustros do convento de Santa Comba.

Cá de longe, bem mais tarde e já no exílio, encorajado por Sérgio⁽¹⁾, *sacerdos magnus* da Grei seareira, e também pelos próprios jovens seareiros⁽²⁾, ia o pobre de mim alinhavando umas regrinhas mambembes, sempre receoso de mancarem diante da fulgurante e marvótica investida dos novos contra aquela ignara e anterior geração, que mal deu pela

António Sérgio, respondendo a uma pergunta acerca da situação da «Seara», me dizia: — «Eu tenho sido um dos directores da revista 'SEARA NOVA', mas nunca pertenci à *Empresa de Publicidade* Seara Nova, sua editora e proprietária, e nunca aprovei os inacreditáveis processos de administração da Empresa, que tenho auxiliado com grandes sacrifícios, por amor da revista (...). Já tenho proposto que a Empresa mude de nome (...). Rogo-lhe que, se for consultado, vote a favor da mudança de nome da Empresa, da Sociedade Comercial da revista, a fim de que a SEARA NOVA passe de futuro a designar só o grupo e a revista.»

Outras crises se seguiram de cinquenta para cá, algumas pelo mesmo motivo, as restantes por motivos políticos, e que provocaram a saída dos últimos directores que fizeram parte do grupo que durante perto de trinta anos estiveram no cabeçalho da revista «SEARA NOVA» ao lado de Câmara Reys, Jaime Cortesão e Sarmento Pimentel.

(1) «Os seus excelentes artigos já foram todos publicados. Venham mais!»

9 de Setembro de 1938.

A. Sérgio

(2) Ex.mo Sr. João Sarmento Pimentel.

Felicito-me em primeiro lugar pela oportunidade que se me depara de escrever a V. Ex.cia que conheço de tradição como um combatente da República e hoje aprecio como vigoroso escritor. Por indicação do Sr. António Sérgio, remeto-lhe uma prova do seu admirável artigo sobre os «Compromissos externos do Brasil» que a censura de Lisboa resolveu cortar.

presença de Fernando Pessoa, e se negou a pés juntos entregar-lhe a batuta da orquestra literária nacional, cuja harpa eólia só ele faria ouvir no mundo inteiro.

Sem basófias, nem tolas presunções a intelectual ou letrado, por ali se aquietou sem cantar de galo, pois que naquele poleiro pousavam esses e muitos mais frangões de crista alta e esporões de respeito, amigos da verdade, mas muito capazes de dizer ao moço capitão (do posto nunca se livraria) que nessa festada só tocava o cavaquinho quem tivesse unhas para tanto, não havendo de baixar-se o diapasão à musicata, tachada de avançada e vermelhusca pelos regentes da banda democrática, instalada no palanque de S. Bento. No Porto em contacto com homens de empresa e com o seareiro Ezequiel de Campos, pregador-mor, com António Sérgio, duma mudança radical na estrutura económica, industrial e agrícola da Metrópole, veio-lhe o interesse pelos problemas da electrificação do País, da rega e duma lei agrária para utilização de terras de sequeiro, latifúndios, maninhos, charnecas, que a electricidade e as bargagens e canais tornariam produtivas, para dividir pela população rural que trabalhava em propriedades arrendadas, ou por cooperativas agrícolas onde a divisão em pequenas quintas não fosse aconselhável.

«Havendo água abundante e electricidade barata, até dum deserto se faz um jardim», afirmávamos nós com optimismo de pioneiros desbravadores, rompendo contra a mentalidade do pousio alentejano, o costume bárbaro, arruinador, do fogo para pastagens, e afirmando que deixaria de ser verdadeiro o dito popular «terras de lavradio, só para os ricos».

Enviei-lhe há dias também um exemplar do «Noticias», diário de Lourenço Marques, que se refere em termos muito amáveis aos artigos que V. Ex.cia aqui publicou acerca do problema da emigração, cuja doutrina aplaude calorosamente.

Reafirmando a minha admiração e sincera estima, creia-me

DE V. Ex.cia
mto, ato, e obrig.
J. Neto Soares